



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Questões Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social.

Sub-Eixo: Ênfase em Questão Agrária.

PLANTANDO O SABER POPULAR AGROECOLOGIA E EXTENSÃO POPULAR NA LUTA PELA TERRA

Isabella Leonel Ferreira Saraiva¹

Gabriel Augusto Concienci Schmidt Pereira²

Resumo: O Núcleo Agrário Terra e Raiz é uma extensão popular e comunicativa que atua há 20 anos com os movimentos sociais de luta pela terra. Divide seu trabalho em dois coletivos o de educação, que discute educação do campo, e o de produção, que constrói a discussão acerca do atual modelo de produção agrária; o agronegócio e propõe o fortalecimento da agricultura familiar, movimentos de luta pela terra e agroecologia, sendo essas, alternativas a estrutura do agronegócio, levantando uma forma de reprodução sustentável da vida, que possa reverter o atual quadro de crise socioambiental. Em sintonia com as propostas e entendimentos construídos pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, acerca da agroecologia e saber popular do campo, o Coletivo de Produção desenvolve-se com trabalhos na universidade, nos assentamentos e com a sociedade, para superar paradigmas que separam o campo e cidade e as ideias distanciam o saber popular do saber científico. Dentre as experiências, destaco o Espaço Agroecológico, que traz os assentados do 17 de abril de Restinga para a universidade e o Núcleo de Agroecologia e Direitos Humanos que alinha pessoas de diversas áreas do saber para construção de uma práxis agroecológica através do saber popular. Em 2018 foi iniciada uma aproximação com as ferramentas de comunicação popular; como a construção de documentário popular, pequenos vídeos e fotografias de relato de experiência, buscando expandir a visibilidade dos saberes do campo, movimentos sociais e agroecologia.

Palavras chave: Extensão Popular, Educação Popular, Agroecologia, Movimento Social, Questão Agrária.

Abstract: *The production collective is an integral part of the Agrarian Nucleo “Terra e Raiz”, a popular educative and communicative university extension that has been working for 20 years with the social movements of peasants struggle. This collective seeks the discussion about the current agricultural production model; agribusiness, proposing the strengthening of family agriculture, native peoples and agroecology movements, these being, systemic alternatives to agribusiness, raising a form of sustainable reproduction of life that can reverse the current situation of social environmental crisis. In line with the proposals and understandings built by MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) on agroecology and popular knowledge in the countryside, the Production Collective is developed with jobs in the university, in rural lands and with society, to overcome paradigms such as division; countryside and city and also; popular knowledge and scientific knowledge. Among the experiences in this artic we will talk about: The Agroecological Space, which brings the rural works of April 17 from Restinga to the university. The Center of Agroecology and Human Rights that seeks to align people from different areas of knowledge to build an agroecological praxis through popular knowledge. A popular communication tools; with the construction of peasant radio, popular documentary, small videos and photographs, to build enlarge visibility to peasant knowledge, social movements and agroecology.*

¹ Estudante de Graduação, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da Universidade Estadual Paulista - Campus Franca, E-mail: isa_leonelferreira@hotmail.com.

² Estudante de Graduação, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da Universidade Estadual Paulista - Campus Franca, E-mail: isa_leonelferreira@hotmail.com.

Lista de Figuras

Figura 1 - Oficina de Formação dos novos integrantes do Núcleo.

Figura 2 - Vivência em Agroecologia no Sistema Agroflorestal da Moradia Estudantil na UNESP- Franca

Figura 3 - Roda de Conversa no Espaço Agroecológico

Figura 4 – **Antiga** escola em Xapuri no Estado do Acre (Bastidores da gravação do documentário Lutadores Incansáveis)

Figura 5 - Captando imagens da chuva amazônica (Bastidores da gravação do documentário Lutadores Incansáveis)

Agroecologia e o Coletivo de Produção

O Núcleo Agrário Terra e Raiz é uma extensão popular e comunicativa com 20 anos de atuação na Faculdade de Ciências Humanas e sociais de Franca, campus da UNESP. Tem mais de 25 membros e colaboradores de todos os cursos do campus: história, relações internacionais, direito e serviço social. Fazendo um trabalho conjunto com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), a extensão se divide em subgrupos: o coletivo de educação, que discute educação do campo na escola Leonor Mendes de Barros no Assentamento 17 de abril em Restinga-SP e o Coletivo de Produção, o qual faremos o relato de experiência.

Esse coletivo ressurgiu no NATRA no ano de 2017 com intuito de alinhar com a discussão iniciada pelo MST nos anos 90³ sobre transição agroecológica, entendendo essa como uma demanda dos assentamentos e acampamentos da região de Franca. Essa aproximação parte pela busca de construir e valorizar o saber dos camponeses, dessa forma o trabalho base do coletivo inclui aproximação constante com o movimento, para aprendizado conjunto, através de visitas, oficinas e criação do Núcleo de Estudos e Espaço Agroecológico para socialização desses saberes.

Entendemos a agroecologia primeiro localizando-a historicamente, a partir do fato de que ela é um produto da sociedade, que tem interesse em responder problemas

³ BORGES, Juliano Luis. O MST e a Transição Agroecológica. Revista Brasileira de Agroecologia

materiais do início do milênio, sendo também um campo de disputa de ideias sociais, já que não há agroecologia se não houver transição social.

Devido ao crescimento das crises ambientais, parte delas provocadas pelo modo agrário de produção capitalista; monopolista, agrário ou agronegócio, que impactam diretamente a sociabilidade, portanto, a agroecologia vem como uma intervenção no campo da agricultura levando em conta a ecologia e a transformação social que compreenda a insustentabilidade do atual sistema econômico⁴

Sendo um processo social, uma alternativa sistêmica que busca propor um novo modo de relação com a terra, para construir relações sociais que reflitam o ambiental, segundo Sevilla Guzmán e González de Molina (1996, apud CAPORAL & COSTABEBER, 2015), a agroecologia corresponde a um campo de estudos que pretende o manejo ecológico dos recursos naturais, para “através de uma ação social coletiva de caráter participativo, de um enfoque holístico e de uma estratégia sistêmica” reconduzir o curso alterado da coevolução social e ecológica, mediante um controle das forças produtivas que estanque seletivamente as formas degradantes e espoliadoras da natureza e da sociedade.

A agroecologia não é apenas uma técnica ou uma ciência, pois visa romper paradigmas de sociabilidade, construir uma ética ecológica, tendo caráter multidisciplinar⁵, onde entra a importância de um grupo como o NATRA, inserido em uma faculdade de ciências humanas e sociais conduzir este debate, dessa forma, se rompe a ideia de que o estudo agrário é algo apenas do campo das exatas e biológicas, compreendendo assim o enfoque epistemológico da agroecologia como uma integração dos saberes para iniciar uma transformação.

No ano de 2017 e 2018, o Coletivo de Produção, construiu projetos com objetivo de interligar os estudantes de humanas no tema, fazendo-os repensar e construir novos diálogos entre o campo e a cidade.

Núcleo de Estudos em Agroecologia e Direitos Humanos

⁴ Segundo Michel Lowy em 2013, a crise econômica e a crise ecológica resultam do mesmo fenômeno: um sistema que transforma tudo – a terra, a água, o ar que respiramos, os seres humanos – em mercadoria, e que não conhece outro critério que não seja a expansão dos negócios e a acumulação de lucros. As duas crises são aspectos interligados de uma crise mais geral, a crise da civilização capitalista industrial moderna. Isto é, a crise de um modo de vida – cuja forma caricatural é o famoso american way of life, que, obviamente, só pode existir enquanto for privilégio de uma minoria – de um sistema de produção, consumo, transporte e habitação que é, literalmente, insustentável.

⁵ Segundo Martinez Alier em 1994, o paradigma agroecológico, como um enfoque de intervenção multidisciplinar, vem sendo construído a partir de uma cientificamente comprovada crise no atual modelo tecnológico e de organização da produção dominante na agricultura.

O Núcleo de estudos em Agroecologia e Direitos Humanos é o grupo de estudos que alinha a teoria e prática em busca de atingir a práxis revolucionária⁶ do saber, para assim iniciar as transformações propostas pelas ideias e cultivar uma nova forma de conhecimento conduzida do popular para a universidade.

O Núcleo de Estudos é coordenado pelo NATRA e se reúne uma vez por mês. A proposta é que ele seja um espaço da comunidade, que dialogue com a sociedade Francana, pesquisadores de outras universidades, cursos técnicos, produtores rurais, membros de instituições públicas e cidadãos interessados.

Dentre os estudos do grupo no ano de 2018, incluiu, inicialmente, pensar o atual modelo de produção agrário: o agronegócio. Para debater estes temas foi necessário discutir a estrutura agrária fundante do Brasil desde o período colonial, compreendendo as amarras do capitalismo dependente⁷ especialmente em um país que não realizou reforma agrária e que ainda hoje está estruturado em latifúndios e no poder político de ruralistas. Realizamos estudos sobre a agroecologia, seus princípios e a relação fundante com temática sociais:

A relação histórica da mulher com a agricultura; seu protagonismo participativo e relação ancestral do cuidado matriarcal e da luta pela terra.

O papel da educação popular; como princípio da valorização de saberes e construção coletiva introduzindo também a episteme dos povos originários, como base para produção de um saber agroecológico de relação com a natureza latino-americana.

A metodologia, que parte da construção coletiva, buscou utilizar de várias ferramentas, como debates, exibição de curtas metragens, documentários, oficinas a respeito de transgênicos, agrotóxicos, trabalho no campo, mulheres e agroecologia, educação popular, agroecologia e agricultura camponesa.

Nos estudos práticos foram realizados manuseios de contato com a terra, ancestralidade e saber popular. A principal área de manuseio foi um pequeno Sistema Agroflorestal (SAF) construído na Moradia Estudantil do campus da UNESP de Franca no ano de 2017. Este espaço demonstra possibilidade de fortalecimento coletivo e divulgação das ideias da agroecologia, sendo como um laboratório de experiências e contato com a

⁶ Segundo Paulo Freire em , a práxis, é reflexiva, sendo a ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo, sem ela é impossível a superação da contradição oprimido e opressor

⁷ FERNANDES, F. Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina. São Paulo: Global Editora, 2009

terra, contribuindo para que os moradores que se envolveram com o projeto pudessem repensar a forma que ocupam os espaços, sua alimentação e relação coletiva.

No ano de 2019, retomamos essas atividades de vivência com a metodologia da práxis revolucionária utilizando como base teórica a obra *Agroflorestando o mundo de facão a trator*⁸, como metodologia popular e base introdutória para compreensão da agroecologia, além de abordar experiências práticas com assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), a partir dos estudos visamos nos aproximar do assentados de 17 de abril com visitas às produções e rodas de conversa.

O núcleo de Estudos em Agroecologia busca alimentar teoria e prática para que possamos desenvolver melhor os projetos propostos e assim realizar ações transformadoras, nesse primeiro semestre de 2019, nos aproximamos de temas como agricultura camponesa e transição agroecológica alinhando com o contato com os assentados outros temas que buscamos abordar são as notícias da atualidade como exemplo a questão do agrotóxicos, que no atual governo já foram liberadas mais de 166 novas substâncias⁹, sendo notícias alarmantes que precisamos trazer para debate na universidade e sociedade com um todo.

Espaço Agroecológico

O Espaço Agroecológico é o projeto do NATRA que utiliza da agroecologia, uma matriz para propor outras discussões, como soberania alimentar, reforma agrária, educação do campo, movimentos sociais, educação popular, agricultura camponesa entre outros temas que abrangem a questão agrária, social e ambiental.

Iniciou suas atividades em 2018 depois de muita luta devido aos problemas burocráticos e políticos para sua viabilização. A principal atividade do Espaço é uma feira da reforma agrária realizada nas dependências do campus da UNESP, com alimentos a preço de custo trazidos por assentados do 17 de Abril; concomitante a isto, são realizadas oficinas e debates sobre temas relacionados à questão agrária, movimentos sociais e soberania alimentar.

Com uma troca a preço de custo de produtos da agricultura camponesa, se abre a caminho para compreensão da importância de discutirmos a questão agrária, pois essa nos

⁸ NETO, Nelson. E. C. et al. *Agroflorestando o mundo de facão a trator*. Barra do Turvo: 2016, p. 125 Disponível em: < https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1935293/mod_resource/content/1/agroflorestando-omundo.pdf >

⁹ Atos de aprovação dos 121 agrotóxicos: Ato nº 01 (28 produtos), Ato nº 04 (10 produtos), Ato nº 07 (19 produtos), Ato nº 10 (29 produtos), Ato nº 17 (35 produtos) e Ato nº 24 (31 produtos)

afeta diariamente em tudo que chega para nossa alimentação, interferindo também em toda questão econômica e social já que pela terra reproduzimos nossas vidas.

O Espaço utiliza de diversas ferramentas, seja com rodas de conversa sobre os saberes do campo, oficinas com especialistas de diversas áreas do saber sobre hábitos alimentares, agricultura camponesa, agroecologia. Todas as atividades seguem a metodologia Freiriana desde a organização a execução, os extensionistas planejam seguindo também a demanda dos assentados e buscam conselhos da coordenação, para organização das atividades se busca produzir um espaço democrático, crítico e popular, para que todos se sintam à vontade para discutir, dividir experiências e tenham acesso a pesquisas atuais e confiáveis.

Com o espaço o NATRA se aproxima do assentamento e busca realizar visitas nos lotes de produção e conversas com os produtores, para entender suas demandas postas e contribuir para demandas futuras não previamente postas. Durante o primeiro semestre de 2019 buscamos nos aprofundar sobre a questão da agricultura camponesa e transição agroecológica, para podermos construir conjunto com os assentados o projeto agroecológico.

O Espaço agroecológico trouxe o movimento social para a universidade e permitiu ampliar diálogo da sociedade com a comunidade acadêmica. Ele é também um momento de confraternização e, ao mesmo tempo, um espaço onde a dimensão alimentar é discutida como um ato cultural, político, social e de resistência quando feito através de movimento sociais.

Experiência audiovisual para construção da comunicação popular

Além de atuar com os trabalhadores do campo e na universidade, buscamos multiplicar o conhecimento construído para além dos muros da universidade, sendo papel da mesma produzir conhecimento que dialogue com a sociedade pois entendemos a universidade como uma instituição social que tem como dever dar retorno para sociedade.

Outra atividade realizada pelo NATRA foi a construção de projeto de produção de documentários populares em conjunto com o QADE (Questão Agrária em Debate) da UFRJ. A primeira produção dessa parceria é o documentário “Lutadores Incansáveis “que está será finalizado e lançado no segundo semestre de 2019, narrando a história de um membro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e seus companheiros de luta pela terra e por um Brasil para todos. Os extensionistas receberam formação e estão aprendendo a

manusear essas ferramentas do audiovisual para aproximar as pessoas de temas que às vezes as parecem distantes.

A metodologia de extensão popular e comunicativa busca fortalecer o pilar da universidade que alinha a mesma com a sociedade, no ano de 2018 o NATRA buscou se aproximar de outras ferramentas de diálogo com a sociedade, que possam garantir a popularização de saberes dos camponeses, movimentos sociais e universidade pública ocupando assim os meios da produção cultural trazendo o protagonismo pluralista.

Ocorre o registro fotográfico da maior parte das atividades realizadas pelo Núcleo, fotos que são expostas em eventos na universidade, cidade, assentamentos e nas mídias sociais da internet.

Essa experiência com arte traz outras ferramentas pedagógicas, que ao serem apropriadas renovam e ampliam a capacidade dos indivíduos de interpretação da realidade, pois envolvem a dimensão do encantamento. Segundo Paulo Freire (2003 apud GADOTTI, 1991, p.29):

“Conhecer é construir categorias de pensamento, ler o mundo, transformar o mundo e só é possível conhecer quando se deseja, quando se quer, quando nos envolvemos profundamente no que aprendemos. Para inovar é preciso conhecer, aprender exige esforço, daí a necessidade da motivação, do encantamento.”

Com o uso da arte, seja por místicas, fotografias e vídeos é divulgado o trabalho da extensão conjunto aos movimentos sociais. A partilha por meio da arte, deixa a interpretação livre, produz a memória histórica do trabalho desenvolvido e transformação realizada pelos sujeitos que ocuparam os espaços, sendo esses sujeitos figuras de resistência pois agora ocupam um espaço de protagonismo, que é negado pelas mídias convencionais, que tratam o campo e seus saberes como ultrapassados.

Considerações Finais

O governo atual segue o movimento de reinvenção do capital nos países periféricos e a conjuntura é de implantação extensiva de políticas neoliberais, trazendo o desmonte de políticas públicas e instituições sociais construídas nos últimos 40 e reconhecidas pela sociedade civil.

O papel da extensão popular assim como falado por (VENTURA, 2010):

“A área de extensão vai ter o futuro próximo um significado muito especial, no momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a universidade, e de facto transformá-la de fato em uma agência de extensão ao seu serviço”

Processo que estamos vivenciando de fato nas universidades com o aumento de financiamento privado, extensões que se tornam empresas e pesquisas produtivistas.

Portanto, fazer extensão popular é resistência no atual contexto e afirma a necessidade de atualização da esquerda e das universidades, com os cortes financeiros nas bolsas de extensão e entrada cada vez maior do financiamento privado, a universidade perde sua comunicação com a sociedade e caminha manca deixando de lado o pilar que é indissociável da pesquisa e ensino.

Ocupar e fazer extensão que dialogue com os movimentos sociais é um ato de resistência e defesa da universidade pública

O Núcleo Agrário Terra e Raiz segue plantando o saber popular em todos os trabalhos que realiza sendo uma extensão comunicativa e popular com foco na questão agrária que compreende a necessidade de luta estrutural por isso relaciona a questão de classes e transformação social com a todas os temas da questão agrária, levantando também as bandeiras do combate às opressões e a defesa das instituições sociais, como a universidade pública.

Figuras

Figura 1 - Oficina de Formação dos novos integrantes do Núcleo.



Figura 2 - Vivência em Agroecologia no Sistema Agroflorestal da Moradia Estudantil na UNESP- Franca



Figura 3 - Roda de Conversa no Espaço Agroecológico



Figura 4 – Frente de antiga escola em Xapuri no Estado do Acre (*Bastidores da gravação do documentário Lutadores Incansáveis*)



Figura 5 - Captando imagens da chuva amazônica (*Bastidores da gravação do documentário Lutadores Incansáveis*)



REFERÊNCIAS

BORGES, Juliano Luis. O MST e a Transição Agroecológica. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [S.l.], v. 4, n. 2, dec. 2009. ISSN 1980-9735. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/8520>>. Acesso em: 21 june 2019.

FERNANDES, F. **Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina**. São Paulo: Global Editora, 2009

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade: a sociedade brasileira em transição**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Liberção De Agrotóxicos Nos Primeiros 100 Dias De Governo Bolsonaro Disponível em: <<https://www.greenpeace.org.br/hubfs/agrotoxicos-bolsonaro-100dias.pdf>>. Acesso em 10 de julho de 2019.

LOWY, Michael. **Ecological crisis, capitalist crisis, crisis of civilization: the ecosocialist alternative**. *Cad. CRH* [online]. 2013, vol.26, n.67, pp.79-86. ISSN 0103-4979 < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792013000100006> > Acesso em 10 de julho de 2019.

MARTÍNEZ ALIER, J. *De la economía ecológica al ecologismo popular*. Barcelona: Icaria, 1994

MDA/SAF/DATER. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural.** Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Secretaria de Agricultura Familiar (SAF), Grupo de Trabalho Ater, 2004, 22p. Disponível em: [http://www.pronaf.gov.br/dater/arquivos/Politica%20Nacional%20de%20ATE R.pdf](http://www.pronaf.gov.br/dater/arquivos/Politica%20Nacional%20de%20ATE%20R.pdf). Acesso em 18 de mar de 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010

SEVILLA GUZMÁN, E.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M. (ed.). **Ecología, campesinado e historia.** Madrid: La Piqueta, 1993.